

Entrevista sobre o Nobel de José Saramago

Gilberto Mendonça Teles

*Por que Saramago?**

1) José Saramago ganhou o Prêmio Nobel e com ele a língua portuguesa, as literaturas de língua portuguesa e a própria língua portuguesa. Não será demasiada gente e demasiadas coisas ao mesmo tempo? Em seu entender, serão todas estas entidades merecedoras de prêmio? E poderá o Nobel redimir-nos a todos da nossa condição periférica?

1. Há algumas vertentes significativas nesta primeira questão e possivelmente um só sentido em toda ela, contrariando assim os teóricos do "plural de sentidos". Prefiro jogar com as duas raízes que estruturam o significado do termo sentido: a latina [*sensus*] a assinalar as percepções; e a germânica [*Sinnes*], a pôr em evidência a direção que se toma na interpretação. Há, portanto, algumas direções, algumas vertentes que precisam ser consideradas, como: 1.1. Literatura Portuguesa; 1.2. Língua Portuguesa; 1.3. Literaturas de Língua Portuguesa, na África; 1.4. Literatura Brasileira, no não-dito da pergunta, mas manifesto na segunda questão; e 1.5. a redução a uma "condição periférica". A direção, o sentido, é o mesmo o da evidência honrosa da concessão do Prêmio Nobel a José Saramago, escritor – é

* Entrevista de Gilberto Mendonça Teles à Revista CIBERKIOSK (Internet), nº4, de 15/12/1998, Salamanca, Espanha.

preciso dizê-lo - da Literatura Portuguesa e da Língua Portuguesa, de Portugal.

Então, sigamos as vertentes para tentar responder, primeiro, as duas primeiras interrogações, juntando-as numa só; depois, enfrentar o lado real ou pejorativo da última interrogação.

O que verdadeiramente se conta é a frase afirmativa inicial da questão: "José Saramago ganhou prêmio Nobel e com ele a língua portuguesa." Portugal merecia este prêmio, não pela campanha feita anos atrás pelo Jornal de Letras e pelo próprio governo português. Merecia, merece, pelo valor de sua literatura, simbolizada agora na obra de Saramago. A Academia sueca teve este ano a oportunidade de tirar uma pedra da consciência e Portugal, pelas suas realizações históricas, pelos seus descobrimentos e colonizações, de resto representados e divulgados na EXPO-98, mostra que já merecia há muito tempo o famoso galardão. Além disso, Saramago "contou" com a ingenuidade ou sei lá o quê de um político português que vetou a sua obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* para o Prêmio Europa de 1992. Ri melhor quem ri por último, isto é, quem "riu" primeiro com o Nobel em Língua Portuguesa.

Quanto às vertentes 1.3 e 1.4 - Literaturas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - acho conveniente separar as duas realidades, duas pelo menos no que diz respeito à Língua Portuguesa na América (Brasil) e na África (as literaturas de Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, na ordem geográfica (dos descobrimentos), que me parece mais conveniente mencioná-las. A segunda questão desta vertente corrobora isto, pois não cita nenhum autor africano, em que pese a obra de Luandino Vieira, Pepetela, Mia Couto e mais alguns. A diferença se impõe, uma vez que as literaturas africanas de Língua Portuguesa são ainda literaturas emergentes, não tiveram tempo de encontrar-se nem temática nem formalmente, nem souberam construir ainda uma linguagem literária que, sem deixar de ser em língua portuguesa, seja a expressão cultural desses países. A literatura brasileira vem, por outro lado, se fazendo desde o período colonial. Portugal

não teve sobre o Brasil o mesmo tipo de domínio que exerceu sobre as regiões que colonizou na África. E, com a Independência feita há 177 anos, o Brasil teve a sua própria experiência cultural e seus autores, de Alencar e Machado de Assis a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, na ficção; de Gonçalves Dias e Castro Alves a Carlos Drummond de Andrade e João Cabral, na poesia; além de nomes importantes no teatro, na crítica e na história literária que têm contribuído, à sua maneira, para o prestígio da Língua Portuguesa no mundo.

Separando as vertentes ou, como se diz popularmente, dando nome aos bois, não vejo "demasiada gente" nem "demasiadas coisas" ao mesmo tempo. Vejo, isto sim, Portugal e a Língua Portuguesa, de Portugal; os países africanos, e a Língua Portuguesa na ou da África, e a Língua Portuguesa do Brasil. Passam pela mesma língua realidades culturais diferentes, experiências de escritas e de oralidades (de *oratura*) impossíveis de serem comparadas, e difíceis até de serem imaginadas. Assim, a meu ver, o prêmio não afeta, para bem ou para mal, a cultura de nenhum desses países, nem mesmo a portuguesa. Mas ele o é da cultura portuguesa, por todos os títulos reais. O Brasil, onde Saramago deve ser lido mais do que em Portugal (penso no número de leitores e de edições de Saramago ali feitas; e no número - mais de quinhentas - Faculdades de Letras, em que o ensino da Literatura Portuguesa é obrigatória, o Brasil exulta com Portugal, mas não deve sentir-se participe do prêmio. Era o que faltava, diria o Conselheiro Acácio ... Outro aspecto a que ainda não dei uma palavra é sobre o merecimento de outros escritores: claro que o prêmio poderia ter sido conferido a escritores brasileiros e africanos de Língua Portuguesa. Claro. Mas teria mesmo de ser dado, primeiro, a Portugal. E foi o que se fez. E foi bem feito, como teria dito o Senhor nos momentos iniciais do *Gênesis*.

Quanto ao que diz respeito à remissão de nossos "pecados", isto é, de nossa "condições periféricas", tenho lá minhas dúvidas. Primeiro, posso pensar que não existe essa marginalização nem para Portugal nem para o Brasil, porque acho que se deve sair da visão eurocentrista que a pergunta parece assumir.

Pensar hoje em "condição periférica" é rir de encontro a teorias culturais da atualidade, em que se esforça para ver cada cultura em si mesma, como centro e periferia de sua própria realidade em contínua interação. O fato de Portugal ter sido visto ou de ter vivido como "Jardim da Europa à beira-mar plantado" não pode escamotear a sua condição geográfica de cabeça da Península, na imagem dos dois maiores poetas portugueses. Isto até parece que foi bom para Portugal, que soube (ou teve de) preservar valores culturais autênticos, apesar dos intelectuais afrancesados.

Assim, no meu entender, o Prêmio Nobel não vai redimir nada. Ele nem é um passe de mágica nem um milagre anunciado em Fátima. Ele é um produto da política cultural da Europa. E, com o Prêmio ou sem ele, o que vai realmente contar para o futuro é que só com uma política cultural bem definida, os nove milhões de portugueses poderão sustentar o valor da Língua Portuguesa na Europa e em terras de África e Ásia. Assim, como os 170 milhões de brasileiros hão de fazer um dia na América e, quem sabe, também na África e na Europa.

2) *Em sua opinião, por que Saramago e não outro antes dele (Aquilino ou Cardoso Pires, segundo Oscar Lopes; Drummond, Guimarães Rosa, Clarice ou Melo Neto, segundo os brasileiros; Sophia, segundo Saramago e Maria Alzira Seixo)?*

2. Na minha opinião, o prêmio foi muitíssimo bem dado a Saramago, à literatura de Portugal e à Língua Portuguesa. Uma língua com mais de duzentos milhões de falantes (e aí nos incluímos), uma língua que, segundo as últimas estatísticas da UNESCO, ocupa o oitavo lugar entre as línguas mais faladas no mundo e, nela, uma literatura de tradição camoniana (e só por isto já significaria quase toda a sua importância) e que vinha há tempo acalentando a esperança de recebê-lo; e, afinal, a pequena mas coerente – e contundente – obra de Saramago que, escritor e obra, em pouco tempo se impôs como uma das mais importantes no final do século XX. Raros os escritores de Língua Portuguesa que conseguiram tão rapidamente um projeto estético-literário de tal coerência e vertiginosidade. Os nomes

de Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Clarice Lispector e João Cabral poderiam muito bem estar na lista dos premiados, assim como, em Portugal, os nomes de Fernando Pessoa, Miguel Torga, Aquilino Ribeiro e Sophia de Melo Breyner. Mas a obra de Saramago apareceu no momento oportuno neste final de século, veio crescendo na sua repercussão e está crescendo na direção do terceiro milênio, coincidindo contextualmente com as comemorações portuguesas, com a EXPO-98 e com o sentido maior dessas comemorações, que é o de trazer à baila o reconhecimento de toda uma trajetória histórica, no momento mesmo em que os descobrimentos são agora da ordem do cósmico, para além das galáxias. Um ciclo se fechou (não talvez no sentido de Derrida), enquanto outro se abre, formando visualmente as duas esferas de um infinito (∞) cultural, embora humano. A obra Saramago será para sempre o símbolo dessa passagem do planetário para o cósmico, sem deixar de ser signo de sua própria criatividade.

3) *Agora que Portugal já tem um Nobel da literatura, auto-estradas, TV a Cabo, realizou a Expo 98, e já os jumentos não atravessam as planuras para gáudio dos turistas; agora que vamos sendo iguais aos outros, o que poderá distinguir o país lá fora, esgotado que foi o filão garrettiano do pitoresco?*

3) A minha dúvida é se o Nobel, as auto-estradas (com helicópteros vigiando a velocidade dos 80 km por hora – o que já diz muita coisa no sentido do humano), a TV a Cabo, a EXPO-98, a falta de jumentos, a minha dúvida – repito – é se tudo isso tem a ver mesmo com a criação literária. Igualar de repente Portugal aos outros países europeus parece bonito, mas pode não ser verdadeiro nem bom. É certo que o prêmio poderá trazer mudanças culturais, mas não consigo imaginar quais. "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades", não porém de uma hora para outra. A tecnologia vai ter de lutar muito para mudar o espírito do homem português. Algumas gerações resistirão à "descharacterização", no sentido de Macunaíma, a personagem de Mário de Andrade, no Brasil. Além do mais, o filão garrettiano deve oferecer ao verdadeiro criador outras possibi-

lidades insuspeitas de criação. Não sei se será bom para Portugal sentir-se igual aos outros: o bom é que se sentisse diferente – ele próprio, com seus problemas e pitorescos que devem um dia ser vistos de outra maneira, noutra contexto, em que os conceitos de romântico, de realista, de moderno se confundirão noutra ordem de linguagem, assim como fez e está ainda fazendo o hoje imortal José Saramago.

Salamanca, 14 de novembro de 1998.

ENTREVISTA de Ivanhoé Ronaldo Lopes Silva a Gilberto Mendonça Teles

Rio de Janeiro, 9 de junho de 1999.

Recebi por fax, os questionários de vocês e vi na secretaria do meu Departamento de Letras o recado que me mandaram, por telefone. Agradeço-lhes o empenho e gostaria muito de saber o nome e o endereço de cada um e, claro, também os da professora que está levando seus alunos a se interessarem por poesia. Tenho este semestre uma turma de 30 alunas (dois alunos no meio) estudando também poesia brasileira. Só que o curso apontou mais para os autores do passado, isto é, Castro Alves, Bilac, Cruz e Souza; e, no modernismo, Mário de Andrade, Bandeira e Drummond. Isto o que me diz respeito – as minhas exposições. Mas os alunos podem fazer o trabalho final (uma monografia) sobre o poeta que escolherem. Com isto entra muita gente nova, menos eu, claro. Daí a alegria de saber que há alunos interessados, como vocês. Tão interessados que chegam a telefonar e a enviar um questionário, que terei muito prazer em responder. Vou mandar, em anexo, para a biblioteca da faculdade, quatro livros sobre a minha poesia; um dos quais é um volume de fortuna crítica. Poderão ser úteis. Mas vamos às questões:

1) *Nosso estudo sobre sua obra se dá sob a perspectiva de obras poéticas que seguem a linha cabralina. Esta abordagem o surpreende?*

Resposta: Não, eu até a esperava, pois já em 1962, no livro *Pássaro de pedra*, eu punha uma epígrafe tomada a João Cabral, o que significa que já o lia naquela época. A minha formação literária, com relação a autores brasileiros, havia começado com os românticos (Casimiro, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Castro Alves); passou depois para os parnasianos e simbolistas e demorou a chegar aos modernistas. Só depois do segundo livro, em 1956, é que comecei a ler Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Cassiano, Menotti, Schmidt, Drummond, Cecília, Vinícius e cheguei aos poetas da geração de 45 – Alphonsus de Guimarães Filho, Ledo Ivo e João Cabral, com os quais tenho contato aqui no Rio de Janeiro. Em 1957 fui a Porto Alegre, como participante de um congresso de poesia, organizado pelo então Grupo Quixote. Aí comprei, na Livraria do Globo, o livro *Duas águas*, de Cabral, editado pelo José Olympio, em 1956. Foi por esse livro que me iniciei na leitura da grande poesia de João Cabral, a qual, juntamente com a de Manuel Bandeira e de Drummond, deixaram (e deixam) marcas estilísticas no que se poderia ser a "minha poesia". Isto se dá com todo poeta: lemos muito, muita coisa passa, mas certos autores – certas obras – se identificam mais com a nossa própria busca e passam a ser tomadas como modelo. O problema é assimilá-lo sem deixar que ele nos massacre; é não perder diante dele a nossa própria individualidade.

2) *João Cabral de Melo Neto impõe a busca do que ele chama de "simetria" como um valor artístico. O Sr. comunga deste valor cabralino? O Senhor teria um termo próprio que sintetizasse o seu valor poético pessoal?*

Resposta: O que João Cabral chama de "simetria" os retóricos antigos chamaram de paralelismo ou de outros termos com uma vasta sinonímia: quer dizer, repetição não exata de temas ou de formas, de maneira a dar unidade dialética ao poema. Estudando Miró, ele percebeu o sentido da simetria e transportou-o para o poema. Mas essa passagem da pintura à poesia é também uma das coisas mais antigas da poética. No século VI AC., o poeta Simônides escreveu

que a poesia é uma pintura que fala e a pintura é uma poesia muda. E veja, no séc. XVIII, o trabalho de Lessing a respeito. Logo, eu comungo com o valor cabralino, isto é, comungo com uma longa tradição poética na estruturação do poema. Se há, para mim, um termo que possa sintetizar algum valor poético pessoal, esse termo podia ser a noção de "equilíbrio", palavra tomada aqui com significações que ultrapassam o sentido dos dicionários, uma vez que inclui também a consciência criadora e a autocrítica – a metalinguagem – reflexão sobre o que se acabou de escrever e que se deixa inscrito no próprio poema.

3. a) *O que o inspira a escrever poemas? A) Qual o seu método para escrever um poema?*

Resposta: a) Os gregos falaram de musa; os latinos em inspiração; Paul Valéry pensou em anjo ou demônio; Freud deve ter pensado no desejo. Eu penso na vontade: de vez em quando sou tomado pela vontade-desejo de escrever algo, e começo a escrever. O ato de começar põe em ação uma série de elementos, de ordem racional, psicológica, lingüística, temática, estética, ética, enfim, minha competência (meu saber) e minha capacidade de ir além (conhecimento, pesquisa, falta de preguiça, bom gosto, autocrítica, etc.). O problema é começar bem, escrever e não ter preguiça de corrigir, de melhorar. No poema "Origem", de Arte de armar, escrevo:

Agarro o azul do poema pelo fio
mais delgado da lâ de seu discurso
[...]
Sou cheio de improviso. Sou portátil.
E sou noite e falácia. Sou impulso
e excesso de acidentes. Sou prodígios.
[...]

Todo início é noturno. Todo início
é maior que seu tempo e sua agenda
de imprevistos. Mas todo início aguarda
a visita dos deuses ou demônios.

b) Então, se há um método, é o de fazer convergir tudo isso para a linguagem. O poema (a poesia que a gente quer nele) é puramente linguagem. E a linguagem do poema não aponta para nada, a não ser para si mesma. É autotélica. O pouco de referência exterior do poema é para o dicionário, mas os sentidos do dicionário sofrem o acréscimo dos sentidos (dos *semas*) especiais que o termo tem para o poeta. Além disso ele submete as palavras do poema a um tratamento retórico especial – sintaxe, ritmo, figuras, enfim, um tratamento artístico, o melhor possível que a gente possa fazer no momento (e depois do momento, quando o corrigir). Relembro Mário de Andrade: "Arte é mondar mais tarde o poema", tirar-lhe as imperfeições. Em dois livros meus trato disso: em *Retórica do silêncio* e em *A Escrituração da escrita*, este publicado recentemente pela Editora Vozes.

4. *Para o Senhor, qual é a essência da poesia? O que é a poesia?*

Resposta: Conforme já escrevi, a poesia é para mim uma linguagem especial, encantatória e lúdica, abstrata na sua essência e concreta na estrutura artística do poema. Uma linguagem esteticamente organizada e filtrada através de vários "constrangimentos" culturais, como as regras da gramática, da retórica, da ética, do bom senso e do bom gosto, enfim, através de toda uma tradição que, pela audácia e pela força de originalidade dos grandes poetas, se vai enriquecendo e transformando-se.

A sua função principal, além do prazer estético de quem a cultiva (lendo ou escrevendo), é de mostrar ao homem outros sentidos da existência, integrando-o na plenitude de sua cultura. Dá ênfase ao visível e escancara as janelas do invisível, isto é, o que sendo demasiado comum, passa despercebido pelos olhos dos homens. Mas tangência também o outro invisível, o sagrado, o sobrenatural. Através do seu ritmo e de sua melopeia, de sua musicalidade. Amplia portanto o universo do homem e lhe restitui a ilusão de sua divindade, pois lhe dá o poder da criação através da linguagem. Deus pronunciou o fiat e o homem continua a imitá-lo, tentando criar também o seu mundo especial. marginal, que é a poesia.

5. *Que autor(es) o Senhor poderia citar que positivamente o tenha(m) impressionado?*

Resposta: Já mencionei, na primeira resposta, uma série de autores brasileiros, poetas, que sempre me "impressionaram", quer dizer, que volta e meia releio. Mas há também os estrangeiros: Homero, Virgílio, Camões, Milton – numa linhagem épica; e, liricamente falando, grandes poetas de todos os tempos, gregos, latinos, medievais, renascentistas, modernos – leio todos eles e relei-os de vez em quando. Mais Camões, Bocage, Garret, Antônio Nobre, Pessoa, Vitorino Nemésio, em Portugal; Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Apollinaire, Reverdy, Raymond Queneau, na França; os espanhóis mais citados até Lorca e Vicente Alexandre. Ah! São tantos que o melhor é imaginá-los que julgá-los, como diria Camões.

6. *Com que corrente poética o Senhor se identifica?*

Resposta: Acho que o mais apropriado é dizer que me identifico com todas, seja como poeta, seja como crítico, procuro conhecer todas, sem preconceito. Claro que, sendo homem desta segunda metade do século XX, estou mais próximo das que estão mais próxima de mim.

Bem, Ivanhoé, me esforcei por mandar-lhe uma resposta o mais possível. É o que pude dizer, por agora. No mais.

Abrços cordiais do
Gilberto Mendonça Teles
Residencial: Rua Pompeu Loureiro, 36, ap.802
22061-000, Rio de Janeiro, RJ
Eletrônico: gimete@gbl.com.br
Tel/Fax: 21 – 2357454

GILBERTO MENDONÇA TELES